

QUANDO O MUNDO ACABOU NO SILÊNCIO... O QUE A LITERATURA NOS ENSINA SOBRE AS VOZES INAUDÍVEIS?

Leonardo Alonso dos Santos¹

RESUMO: Na e pós-pandemia do coronavírus, novas capacidades humanas foram e estão sendo estabelecidas, à luz do Princípio da Solidariedade. Os pactos sociais e humanitários calcados na confiança legítima e na boa-fé foram restabelecidos como nunca antes visto na historiografia. Por isso, percebe-se a insurgência de um novo vetor interpretativo e diretriz prática das relações humanas, o qual denomino como *meta-psicopedagogia*. Esta, por sua vez, representa um conjunto hermenêutico e pragmático de compreensão de fatores atitudinais e da situação que não está posta, mas que decorre de indícios, detidamente o “silêncio eloquente” de crianças e de adolescentes os quais se encontram em situação de vulnerabilidades. Destarte, se a pandemia permitiu ao educador social – não apenas aqueles que se encontram em ambientes institucionalizados escolares, mas também aos enfermeiros, aos médicos e outros profissionais que atuam na linha de frente – combater o “inimigo invisível” do coronavírus, por conseguinte, na pós-pandemia cumprirá ao educador social, sobretudo aqueles que atuam junto aos jovens adotarem práticas ao combate de indícios de violências as quais se manifestarem pelo silêncio eloquente – tendo em vista que já adquiriram, nesse período de pandemia, a capacidade de “ler o invisível” –, ainda que seja pela denúncia aos órgãos competentes.

Palavras-chave: Meta-psicopedagogia. Silêncio Eloquente. Princípio da Solidariedade. Literatura. Direitos Humanos. Pedagogia Social.

ABSTRACT : In and post-pandemic of coronavirus, new human threats are being applied, in light of the Principle of Solidarity. Social and humanitarian pacts calculated on the basis of legitimate confidence and good faith have been restored as never before seen in historiography. Therefore, there is an insurgency of a new interpretive vector and direction of human relations practices, or what is the name of *meta-psycho pedagogy*. This, in turn, represents a hermeneutic and pragmatic set of understanding the attitudinal factors and the situation that is not set, but the evidence follows, detects the "eloquent silence" of children and adolescents who are in a situation of vulnerability. Landing, if a pandemic allows the social educator - not only those in institutional school settings, but also nurses, doctors and other professionals working on the front lines - to fight the "invisible enemy" of the coronavirus and, for those, in the post-pandemic carried out by the social educator, especially those who work with young people adopted by practices to combat signs of violations that are manifested by the eloquent silence - considering those who have already bought in this period the ability to "read the invisible" - , even if it is by declaration to the competent bodies.

Keywords: Meta-psycho pedagogy. Eloquent silence. Principle of Solidarity. Literature. Human rights. Social Pedagogy.

¹ Professor da Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil, no curso de Especialização em Pedagogia Social do Século XXI, na área de Metodologia da Pesquisa e Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes.

INTRODUÇÃO

À beira do limiar distanciamento entre o significante e o significado linguístico, o **silêncio eloquente** (grifos nossos) vem à baila para potencializar intensamente a voz humana. O cerceamento das vozes em locais públicos, elevaram as forças das vozes nos locais privados, através das polissemias e ambivalências do real sentido do distanciamento.

Nesse contexto, a *Literatura* aponta o silêncio eloquente diante do transcorrer dos fatos, como uma força matriz de reprodução de um discurso tácito, contundente e silencioso – todavia, repleto de vozes –, que se torna útil à reestruturação do arquétipo individual e social. Destarte, novos meios de encontros – consigo mesmo ou com Outros –, bem como o mero ato de projetar frases no paredão de um prédio para homenagear uma pessoa querida – comumente observadas em diversas reportagens –, apontam que o silêncio eloquente está sendo – no momento o qual escrevo – e será o ponto fulcral desse período, e, talvez, o menos visível – tal como o vírus.

Os atos de escrever e de ler são *per si* solitários. Todavia, a solidão inerente neles não representa o silêncio, porque, nesses momentos, somos permeados por vozes, histórias e sentimentos compartilhados que nos religa com o Eu e com os Outros, ainda que em silêncio. Por sua vez, o silêncio, percebido pela simples ausência de manifestação vocálica, pode representar um conjunto de atos exteriorizados que apontam para uma coletividade e ampliação dos horizontes, conforme se constata na escrita. À título de exemplo, vejamos a imagem a seguir:



À luz da Pedagogia Social, percebe-se que o silêncio pode trazer indícios de uma situação aparentemente conflituosa, sobretudo se observamos aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidades. É cediço que, especialmente, nas salas de aula, as crianças e os adolescentes se espelham nos educadores sociais. Estes buscam compreender as demandas dos educandos – ainda que muitas vezes não sejam explicitadas –, através da fala e, sobretudo, da **escuta sensível** (grifos nossos).

Nesse sentido, Margareth Martins de Araújo (2015) destaca que se deve compreender a vivência, a experiência e o contexto o qual se insere a criança e o adolescente, sobretudo no contexto escolar:

Quantas vezes encontramos em nossa sala de aula crianças, que, olhando para nós, seguindo nossos passos, **demonstram algo diferente, ainda não identificado por nós?** [...] Por trás da criança que nos observa, há um ser humano, com uma história a ser contada, uma vida sendo vivida, sonhos a serem realizados. **Qual o nosso papel neste contexto?**” (p. 17-18) (grifos nossos)

Relacionando-se o dever objetivo de cuidado e a situação de vulnerabilidade social de crianças e adolescentes, elucubra-se: **como a pós-pandemia do coronavírus poderá ampliar a potencialidade da percepção e a solução de conflitos pelo educador social?** (grifos nossos).

Aqui, ousou expor um conceito de minha autoria, que deita raízes numa perspectiva física, espiritual e ética do ser humano, qual seja, a **meta-psicopedagogia** (grifos nossos). À luz do **Princípio da Solidariedade** (grifos nossos), que ilumina a relação intersubjetiva dos seres humanos, estabelecendo um cenário de confiança legítima, torna-se evidente que a pós-pandemia gerará uma nova percepção dos educadores sociais – a aquisição da capacidade para ler o silêncio –, até porque muitas estruturas socioculturais e econômicas foram abruptamente alteradas, e, por conseguinte não corresponderá mais às estruturas, às demandas ou aos conceitos outrora estabelecidos.

Ora, se houve uma ruptura tão intensa nas ruas de todo o mundo, que ficaram silenciadas – não os seres humanos –, e as vozes dentro de nós ecoaram fortemente, sobretudo para ficarmos em casa, vê-se, claramente, a insurgência de um Princípio fulcral nas relações humanas, destacadamente o Princípio da Solidariedade.

Destarte, o liame intersubjetivo do Princípio da Solidariedade que perpassa as relações humanas, ressoa desde os primórdios da humanidade até hoje, e, ainda nos liga com os diversos povos e culturas. Sob à égide desse princípio, compreende-se em diversas culturas e credos, a

concepção comumente difundida pela cripta judaico-cristã, a conhecida “regra de ouro”: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:39).

A PERCEPÇÃO DO SILÊNCIO ELOQUENTE NA LITERATURA – BRASIL, ÁFRICA E PORTUGAL: UNIVERSALISMO(S) E COSMOPOLITISMO(S)

O silêncio quase absoluto das calçadas e avenidas outrora movimentadas foi substituído pela multidão de vozes, em diversos pontos de encontros tele presenciais, através de celulares e programas de computadores os quais promoveram a quebra do silêncio solitário, nas suas respectivas casas. Em razão disso, percebe-se que o silêncio das ruas está promovendo a verdadeira “**ascensão do homem privado**” (grifos nossos) – em contraposição ao que fora escrito por Richard Sennet, em 1974, no livro *O Declínio do Homem Público*, tendo em vista que novas perspectivas da solidariedade estão sendo compartilhadas e o entrecruzamento das fronteiras territoriais e subjetivas estão sendo vivenciadas.

Nesse afã, a *Literatura* também encontra o seu espaço no contexto atual, especialmente no compartilhamento da angústia decorrente de um evento catastrófico. Destaco, pelo menos três importantes autores, e seleciono, respectivamente, alguns trechos das suas obras, quais sejam, a crônica *O fim do mundo* (2012), de Carlos Drummond de Andrade, o romance *O outro pé da sereia* (2006), de Mia Couto e o romance *O Hóspede de Job* (2011), de José Cardoso Pires.

Saliento que entre esses três autores, mesmo diante do conflito e do caos, o momento do silêncio foi retratado como o espaço repleto de luz, ou seja, a luminosidade aparece no tempo do silêncio – momento de reflexão e de atitude. Notadamente, compreende-se que o silêncio dos asfaltos e das avenidas foram complementadas pelas vozes solidárias as quais agiram em prol do bem comum, seja prestando auxílio psicológico aos necessitados através de uma escuta atenta, seja através do mero recolhimento em casa – ainda que em silêncio eloquente, meditando sobre a própria existência.

Nesse passar, o Princípio da Solidariedade promove a confiança legítima nas relações sociais, e, por isso, permite-nos compreender que todo e qualquer conflito é meramente aparente, bastando que uma das partes entregue um pouco daquilo que tem para aquela que se

encontra vulnerável – aqui, as dicotomias estruturantes das vozes e dos silêncios promoveram essa entrega.

No tocante à relação espaço e tempo, que desde a teoria da relatividade vem transformando intensamente a visão do mundo, tendo em vista que o conceito de espaço e de tempo passaram a ser variáveis e constituírem o chamado *continuum* espaço-tempo, e, sobretudo, por meio dos eventos que estão ocorrendo no momento de pandemia, é possível notar que o educador social **deve e deverá** (grifos nossos) – atual momento de transmutação do dever-ser para o ser – adquirir novas capacidades e habilidades, para compreender aquilo que não está posto, ou seja, não é perceptível de plano.

Possivelmente, essa capacidade de perceber um aparente conflito estará decorrendo da própria ideia do “inimigo invisível” – o coronavírus, que, analogicamente pode ser transposto para o cenário escolar, onde, por exemplo, a criança se encontra silenciada em razão de um conflito no ambiente doméstico, todavia, ver-se-á indícios – pelas marcas no uniforme, no corpo ou pelo comportamento e atitudes – de uma violência sofrida.

Se diante do “inimigo invisível” – que não está sendo tão invisível assim – a sociedade se organizou para perceber aquilo que não estava claramente posto, ao seu turno, torna-se evidente que o educador social adquiriu, e está adquirindo, novas habilidades e potencialidades para compreender o silêncio dos educandos em face de indícios de conflitos e ameaças iminentes. Para tanto, é oportuno que o educador social lance mão das seguintes perguntas, para si mesmo, diante do silêncio eloquente da criança e do adolescente, a fim de se encontrar os indícios de eventuais conflitos:

- **Quem?**
- **Fez?**
- **O que?**
- **Quando?**
- **Onde?**
- **Como?**
- **Por que?**

Tais perguntas são fundamentais para a compreensão de algum contexto específico, podendo ser este um evento naturalístico que decorra diretamente dos fatos humanos ou um evento literário que decorra diretamente do contexto da narração, dissertação ou descrição. Em outras palavras, cabe ao intérprete do mundo – o Eu –, através das perguntas supracitadas, perceber aquilo que lhe é posto (evidenciado) ou lhe é indiciário pelo contexto fático.

Ao seu turno, na instância comunicativa, Bakhtin (2013) indica um novo espaço-tempo, isto é, a emergência de um cronotopo: “[...] aqui o homem não apenas se revela exteriormente como se torna, pela primeira vez, aquilo que é, não só para os outros, mas também para si mesmo” (p.208).

Em relação à literatura e o modo pelo qual o escritor-leitor apreende o contexto fático-literário, primeiro, destaco um trecho da crônica *O fim do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade que aos sete anos de idade elucubrou a hipótese de que presenciaria a morte do mundo, e, porventura morreria junto com ele. Vejamos:

Muitas vezes o mundo acaba em silêncio, ou fazendo um barulho leve de folha.

[...] Um cometa mal humorado visitava o espaço. Em certo dia de 1910, sua cauda tocava a Terra; não haveria mais aulas de aritmética, nem missa de domingo, nem obediência aos mais velhos. Essas perspectivas eram boas. Mas também não haveria geleia, *Tico-Tico*, a árvore de moedas que um padrinho surrealista preparava para o afilhado que ia visitá-lo. Ideias que aborreciam. [...] O que aconteceu à noite foi maravilhoso. **O cometa de Halley apareceu mais nítido, mais denso de luz, e airoso deslizou sobre nossas cabeças sem dar confiança de exterminar-nos.** (grifos nossos)

[...] Hoje, o excitante é imaginar a possibilidade dessa destruição por obra e graça do homem. A Terra e os cometas devem ter medo de nós. (DRUMMOND, 2012, p.64)

Interessante perceber que o silêncio provoca a reflexão do autor, e ainda promove uma percepção sobre a própria condição do ser humano. Nota-se que a escrita de Drummond sai de suas fronteiras, de sua órbita, com o fito de buscar uma exterioridade que lhe vem do mundo real, no qual é atravessado por uma crise completamente evidente.

Por sua vez, o autor moçambicano Mia Couto, no romance *O outro pé da sereia*, retrata o silêncio humano como marca do mar, enquanto a voz marca a terra. O silêncio do mar é preenchido pelas vozes dos sujeitos que se encontram em uma embarcação – conectados, ainda que remotamente, com as suas respectivas terras e origens:

Enquanto se discutia, um grumete subiu ao cesto da gávea e testemunhou a existência de pingos de cera verde. Era a prova que o navio tinha sido visitado. Em estado de alucinação, os mareantes se encontraram por debaixo da vela grande e em coro saudaram os espíritos: *Salve, Salve!* (COUTO, 2006, p.159)

O mar bravio, em seu silêncio, oferece espaço para que a voz dos hábitos culturais de uma cultura não dominante seja escutada. O clamor, posto na relação humana como recurso criador de uma comunidade, reflete o silêncio do mar.

Nessa toada, compreende-se que a crise do coronavírus – o mar quase indomável –, que silenciou as ruas – não as pessoas –, promoveu a ascensão de novas vozes, em ambientes distantes – um barco –, que visa apenas uma missão: chegar em porto seguro junto com seus companheiros – Princípio da Solidariedade.



(Fonte: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/21/moradores-de-comunidades-do-rio-entram-na-luta-contr-o-coronavirus.ghtml>)

A partir da leitura do trecho supramencionado, referente ao romance de Mia Couto, bem como a imagem selecionada, depreende-se que mesmo distantes, os tripulantes que estão num barco em meio a imensidão de um mar revoltado, e as pessoas que estão no “barco” da pandemia, criam novos pactos de solidariedade que são entrelaçados na certeza de que as ondas serão amainadas e a tempestade vai serenar. Ainda, as vozes daqueles que estão no mar – os enfermeiros, os médicos e todos que estão na linha de frente na pandemia, hoje – são vozes que carregam desejos e histórias, tal como disse um dos tripulantes: - *Sou o que lhe vou dar fogo!*

Por sua vez, no romance *O Hospede de Job*, de José Cardoso Pires, são referenciadas histórias que promovem a defesa de valores universais, especialmente a liberdade, igualdade e fraternidade, as quais confluem para a matriz solar da justiça – o sol do meio-dia. Vejamos:

Nem uma árvore. Tudo apagado, tudo branco; **alto silêncio do meio-dia**. Os cavaleiros, que trazem farda de cotim e carabina na sela, empinam as montadas ao sol. Fazem-nas rodar, movem-nas como uma arena deserta. [...] São sinais apenas, simples testemunhos. [...] Tudo chega até eles com uma clareza terrível. **Lêem os sons**, decifram os passos como num livro aberto. (grifos nossos) (PIRES, 2011, p. 27-29)

Evidencia-se na narrativa múltiplas manifestações do poder, que, ao seu passo, são imprecisas e indecisas. As vozes são constantemente silenciadas, ora por outras vozes que são

empossadas por um comando meramente normativo ou coercitivo, ora por vozes que se destoam do silêncio provocado pela dor:

O **grito varou** de alto a baixo os dois recrutas que cantavam ao fundo da loja. Apanhou-os muito unidos, com o braço pelos ombros um do outro, e **cortou-lhes a voz**. Estavam sentados num banco comprido, como duas crianças amigas ou como os casais de namorados ao domingo nos jardins.

[...]

Não se sabe se **falou** para **calar** de vez os recrutas, se o comboio, se os próprios soluços. Talvez tudo junto – o mundo, ele mesmo. E está alerta. Os outros nem piam. (grifos nossos) (PIRES, 2011, p. 8-9)

Nesse momento de aparente incerteza – mormente aparente – o desafio do educador social está posto: “ler os sons” e o ouvir o “alto silêncio do meio-dia”. Destarte, o Princípio da Solidariedade é a força motriz que promove a confiança legítima e fomenta novas habilidades humanas para a percepção dos conflitos e a aptidão para entender aquilo que está encoberto pelo véu da aparente incompreensão.

A CONGRUÊNCIA ENTRE A PEDAGOGIA SOCIAL E A META-PSICOPEDAGOGIA NO CONTEXTO NA E PÓS-PANDEMIA

A **meta-psicopedagogia** (grifos nossos) pode ser compreendida como um vetor interpretativo do contexto fático e uma diretriz de atividades práticas, através de três eixos complementares, simbolicamente representados: i) **a razão (vela)**; ii) **a emoção (tambor)**; e, iii) **a palavra em ação (Bíblia)** (grifos nossos).

No enfrentamento ao coronavírus, onde o inimigo é “invisível”, uma nova abordagem interpretativa-hermenêutica e pragmática é proposta, por mim, tendo por objetivo a análise daquilo que se vê como posto diante da relação evidenciada com o mundo exterior, bem como compreender aquilo que não se vê, mas se depreende dos indícios.

Em relação ao eixo da razão, que no Iluminismo (do Século XVII até meados do Século XVIII) ganhou um destaque essencial na formulação do cabedal teórico na áreas das Ciências Biológicas e Humanas, o qual tinha como um de seus ícones a representação da **vela** (grifos nossos), que possibilitou aos estudiosos a permanecerem durante noites acordados na

persecução de seus projetos e escritos, os quais se exteriorizam através da introspecção e da reflexão de si mesmos.

Esse período do Iluminismo é marcado pelo intenso racionalismo clássico, caracterizado por três novas perspectivas, quais sejam: i) a filosofia como fonte para questionamentos sobre a capacidade cognitiva do homem; ii) o objeto de conhecimento passa a ser a representação do mundo exterior através de conceitos formulados, tais como a Natureza, a vida social e a política; iii) a realidade começa a ser compreendida como um sistema de causalidades racionais que podem ser experimentadas e apropriadas pelo homem.

Nesse sentido, consoante ensinamento de Boaventura de Sousa Santos, ocorre a separação do discurso científico em relação ao discurso do senso comum:

O distanciamento e a estranheza do discurso científico em relação, por exemplo, ao discurso do senso comum, ao discurso estético ou ao discurso religioso estão inscritos na matriz da ciência moderna, adquiriram expressão filosófica a partir do século XVII com Bacon, Locke, Hobbes e Descartes e não tem cessado de se aprofundar como parte integrante do processo de desenvolvimento da ciência. (SANTOS, 1989, p. 12)

De modo prático, proponho que o educador social promova o espírito racional e crítico das crianças e dos adolescentes, a partir de indagações aos próprios educandos, que poderão se encontrar ao redor de uma lanterna, representando a vela, sobre determinados temas universais e existenciais, tais como: o que é a vida? o que é a diferença? o que é a morte? o que é a amizade?² Dessa forma, quanto mais o objeto é conhecido, mais dúvidas surgirão ao longo desse processo.

Ora, o pensamento filosófico puramente racional não basta para a compreensão do silêncio eloquente. A perspectiva exclusivamente antropocentrista, que substitui por completo o pensamento teocentrista, na qual o ser humano extrapola a “certeza divina” para buscar a “certeza racional” se encontra mitigada no contexto da pandemia, onde os questionamentos de matizes existenciais e transcendentais ganharam mais relevo.

Em relação ao eixo da emoção, percebe-se a potencialidade dos ritmos musicais, aqui, simbolicamente representado pelo **tambor** (grifos nossos), que ressoar as vibrações dos corações. Nota-se que manifestações musicais como o samba, o *jazz*, o *spiritual*, *hip-hop*, *rap* dentre outros, tem a aptidão para transformar a opressão em arte. Tais manifestações culturais

² A referida diretriz prática decorre da fonte inspiradora do documentário *Ce n'est qu'un début* (Apenas o começo), de 2010.

promovem a valorização e o compartilhamento de sentimentos, sendo verdadeiros “ritmos fraternos”.

No período de pandemia, a escola também sofre os influxos dessas abruptas alterações sociais, econômicas e políticas, por causa do fechamento dos espaços físicos. Em razão do estudo à distância – infelizmente não está sendo uma realidade para todos – os próprios componentes cognitivos, os quais se incluem os aspectos perceptuais, lógicos e criativos foram profundamente alterados, a partir da gestão massiva de recursos tecnológicos, bem como progressiva ascensão de emoções positivas e/ou negativas promovidas através das relações consubstanciadas com adultos e outras crianças, no ambiente doméstico.

O conjunto complexo de aprendizagem-desenvolvimento da criança e do adolescente e a relação com o educador foi profundamente alterada no espaço digital. Esse ministra aulas online, que, em regra, são gravadas e disponibilizadas *a posteriori (on demand)* ao educando. Este, por sua vez, fica em silêncio – eloquente –, podendo, ou não, compreender a assunto ministrado, e enviará, conforme o cronograma estabelecido, os exercícios propostos. Por isso, nesse momento, o educador ganha uma nova habilidade face ao silêncio, percebendo os indícios do educando, e, ao seu turno, uma relação calcada na confiança legítima e na boa-fé é estruturada.

A clássica imagem do encontro de crianças e de adolescentes na escola, agora é substituída por um espaço que permite a privacidade dos indivíduos isolados – todavia, conectados –, com diversos saberes mediatos pelo sistema informatizado. Por isso, as manifestações culturais, dentre elas a música e a literatura, tem a potencialidade para ser um instrumento hábil na comunicação com Outros de um fato ou um estado emocional, bem como possibilita organizar e compartilhar uma experiência vivida ao torná-la parte comum da exterioridade inerente às significações, aos vínculos e laços interpessoais.

Como diretriz prática, nos termos de Margareth Martins de Araújo e Mônica Paranhos, destaco a aplicabilidade das “Rodas de Conversas” e as “Batalhas de Rimas”, como formas de produção da escrita, de ritmos e cultura³. Tais manifestações culturais, nas quais os jovens criam, ao vivo, a letra e melodia das músicas que retratam o seu contexto, indicam a construção de um caráter nacional – legal e legítimo –, o qual corrobora para a formação do espírito (*ethos*) social capaz de reafirmar os laços e os pactos da solidariedade, bem como o da ancestralidade;

³ Vide: ARAÚJO, Margareth Martins & PARANHOS, Mônica. Pedagogia Social e trabalho voluntário: uma questão de solidariedade, ética e resistência. *Revista de Pedagogia Social da UFF*, Niterói, v.8, 2019.

o tema da ética, da resistência e da literatura apresenta, pois, ainda mais pertinência e relevância no horizonte das sociedades contemporâneas *na e pós-pandemia* coronavírus.

Tendo em vista que, no momento atual, o distanciamento é obrigatório, sugere-se que os educando realizem tais atividades culturais, por meio dos recursos tecnológicos – se possível. Ainda, como prática, proponho que os educandos ao realizarem a produção de textos – estes, contextualizados e argumentativos –, junto com educador, publiquem os trabalhos em um *blog* a ser criado pela turma. Desse modo, promover-se-á o discurso do educando, através da leitura e da interdisciplinaridade e a “releitura” da produção discente, bem como a inserção de novas tecnologias⁴.

Além disso, o educador social poderá utilizar recursos audiovisuais, para atender aos educandos que são sinestésicos, ou sejam, aqueles que conseguem apreender somente por múltiplos meios, e não somente o tradicional. Para eles, o uso de áudio-livros, bem como a possibilidade da criação de versos ritmados abrem novas possibilidades de aprendizado, bem como promovem um ambiente mais unificado em seus propósitos.

Destarte, os trabalhos elaborados pelas crianças e adolescentes ressaltam normalmente aspectos da ancestralidade – conhecimento de si –, bem como trazem à baila questões que tanto lhes ferem, a fim de evocarem o seu poder superação, que se potencializa, ainda mais, pela *Função Social da Literatura de Resistência*⁵.

Ora, o pensamento puramente emotivo não basta para a compreensão do silêncio eloquente. A perspectiva que apenas promove sentimentos de compaixão, sem compadecer com a efetiva ajuda àquele que se encontra em vulnerabilidade – ainda que em silêncio eloquente –, se encontra enfraquecida, no atual contexto da pandemia, no qual as demandas emergências são pujantes.

Tais demandas podem ser minoradas, não apenas com uma escuta sensível, uma fala amável, mas também pela doação de cestas básicas, pela doação de recursos materiais e

⁴ O trabalho proposto, no presente texto, foi realizado, por mim, em outra oportunidade, no Pré-Vestibular Social Jairo Salles, localizado no Liceu Nilo Peçanha, no período do segundo semestre de 2013 ao primeiro semestre de 2014.

Vide: ALOSNO, Leonardo. A literatura na formação de Direitos Humanos: um olhar crítico à luz da Pedagogia Social. In: *Pedagogia Social: Métodos, Teorias, Experiências, Sentidos e Criatividade*. (Org. ARAÚJO, Margareth Martins de), Ed. CRV, Curitiba, 2019.

⁵ Vide: ALONSO, Leonardo. *A Função Social da Literatura de Resistência*. Dissertação de conclusão de curso. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Sociologia e Direito. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

financeiros aos hospitais, às hospedarias de idosos, aos centros religiosos, às Organizações Sociais Civis entre outras instituições.

Em relação ao eixo da palavra em ação, representado pelo símbolo da **Bíblia** (grifos nossos), sob a perspectiva Ocidental da cripta judaico-cristã – aqui não se diferencia o credo religioso –, tem-se na palavra empenhada, jungida pela boa-fé, a possibilidade de restaurar relações conflituosas e promover a confiança legítima, à luz do Princípio da Solidariedade.

A partir da pandemia, a percepção dos indícios, e não meramente das evidências – a situação fática posta –, se torna mais contundente. A angústia de uma crise humanitária, sem precedente, possibilita a compreensão do inteligível, transcendendo a fronteira do visível, para combater o “inimigo invisível”, até então não conhecido por conceitos técnicos-científicos, sendo indiciado apenas por uma gramática própria, um metadado não compartilhado pela experiência humana.

A palavra empenhada, a boa-fé e a confiança legítima, permitiu que a grande parte da população ficasse em casa, de modo solidário – e, não solitário. Ainda que em silêncio eloquente, a humanidade estarecida com os últimos acontecimentos, promoveu a aptidão da transcendência humana em um ponto ímpar na história mundial, através do compartilhamento da experiência global da solidariedade.

Foram contempladas atitudes que nos ligam como seres humanos, tais como a doação de álcool em gel e de máscaras descartáveis por grandes conglomerados empresariais. O predomínio da técnica racional e empresarial de dominação de mercados, foi revista no contexto da crise. Cito, como exemplo, o seguinte informativo publicado na revista Superinteressante⁶:

Em meio à pandemia do novo coronavírus, a cervejaria Ambev – dona de marcas como Brahma, Skol e Antarctica – anunciou que vai produzir e doar 500 mil unidades de álcool em gel para os hospitais públicos com maiores números de casos da doença.

De modo prático, propõe-se que o educador social tenha sempre em mãos um diário próprio – uma espécie de “diário de bordo” –, no qual anotará as suas práticas cotidianas, bem como os fatos que lhe causar estranhamentos. Desse modo, ele estará potencializando a sua percepção de ler o silêncio eloquente do educando, por meio dos indícios.

⁶ Vide: <https://super.abril.com.br/saude/fabricante-de-cerveja-vai-comecar-a-produzir-alcool-em-gel/>. Acesso em: 26 de maio de 2020.

Para isso, racionalmente, o educador social lançará mão em seu “diário de bordo”, as perguntas supramencionadas, que, aqui as transcrevo: i) **quem?**; ii) **fez?**; iii) **o que?**; iv) **quando?**; v) **onde?**; vi) **como?**; e, vii) **por que?**

Ora, de nada adiantaria o educador social na posse de suas preciosas anotações se manter inerte. Desse modo, se o mesmo acreditando ter encontrado indícios suficientes de que o silêncio eloquente do educando não se trata de uma mera ausência vocálica, mas sim de uma violência sofrida, deverá, o educador social, levar as suas notações, que apontam os indícios, para o órgão competente, a fim de que as devidas responsabilidades sejam aferidas.

CONCLUSÃO

Ante o exposto, torna-se oportuno responder a pergunta intitulada: **o que a literatura nos ensina sobre as vozes inaudíveis?** (grifos nossos), sendo possível, para tanto, observar um expressivo personagem, do romance *O outro pé da sereia*, caracterizado pelo silêncio e ausência, qual seja, o Zero Madzero, que profere a seguinte frase: “**o silêncio não é a ausência da fala, é o dizer-se tudo sem nenhuma palavra.**” (COUTO, 2006, p.14) (grifos nossos)

Destarte, à luz do vetor interpretativo-hermenêutico e pragmático da **metapsicopedagogia** (grifos nossos), vê-se, *na e pós-pandemia*, que o educador social se tornou, ainda mais, capacitado para perceber aquilo que não é visível e “ler o silêncio”. Em outras palavras, se o educador compreender os indícios de violência que subjaz no silêncio eloquente da criança e do adolescente, em situação de vulnerabilidade, e postergar a tragédia, de nada adiantará essa nova habilidade adquirida *na e pós-pandemia*, posto que urge “ler”, “interpretar” e tomar alguma providência, ainda que seja a denúncia aos órgãos competentes.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Leonardo. *A Função Social da Literatura de Resistência*. Dissertação de conclusão de curso. Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Sociologia e Direito. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

ALONSO, Leonardo. A literatura na formação de Direitos Humanos: um olhar crítico à luz da Pedagogia Social. In: *Pedagogia Social: Métodos, Teorias, Experiências, Sentidos e Criatividade*. (Org. ARAÚJO, Margareth Martins de), Ed. CRV, Curitiba, 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond. *A bolsa e a vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARAÚJO, Margareth Martins. *Pedagogia Social: diálogos com crianças trabalhadoras*. 1ª. Ed. Volume 8: Expressão & Arte São Paulo, 2015.

ARAÚJO, Margareth Martins de & PARANHOS, Mônica. Pedagogia Social e trabalho voluntário: uma questão de solidariedade, ética e resistência. *Revista de Pedagogia Social da UFF*, Niterói, v.8, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

COUTO, Mia. *O outro pé da sereia*. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

PIRES, José Cardoso. *O Hospede de Job*. Ed. Libsoa: Dom Quixote, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução à uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.